19
Valinhos: um novo padrão de cidade-dormitório?

Eliana Miglioranza
José Marcos Pinto da Cunha

Introdução

O surgimento de novos subespaços distantes das regiões centrais, nas regiões metropolitanas, pode ser considerado um fenômeno relativamente recente, especialmente na Região Metropolitana de Campinas, onde estes apresentam características bem diferenciadas com relação às periferias tradicionais, amplamente analisadas em função das condições precárias em termos de infra-estrutura e qualidade de vida da população.

De fato, a emergência de assentamentos periféricos especificamente voltados para a população de mais alta renda parece ter ocorrido na RMC com maior intensidade apenas nos anos 90. Neste processo é que o município de Valinhos, assim como o de Vinhedo, surgem como áreas de interesse de estudo, uma vez que encarnam o que se poderia chamar de um novo padrão de dispersão da população metropolitana, pois foge completamente, em termos de características, motivações e impactos, dos moldes até então observados. A idéia de que a periferia era essencialmente destinada aos pobres, fica, neste sentido, ultrapassada, muito embora este tipo de assentamento ainda esteja muito presente na região, em particular no que se chamou de "cordilheira da pobreza", que se delineia ao sul da Rodovia Anhanguera.[1]

[1] Sobre isso, ver o capitulo 12 deste livro.

Desta forma, o presente estudo procura analisar alguns aspectos relativos à dinâmica de ocupação do município de Valinhos, que envolve não apenas os aspectos demográficos, mas também as suas relações com outros municípios da região e fora dela, no que se refere às trocas populacionais que implicam trocas migratórias significativas que tiveram impacto decisivo em seu crescimento populacional.

Nesta análise também se destaca o que poderia ser considerada uma verdadeira contrapartida da migração que se direciona para o município: a mobilidade pendular, que aparece como elemento constitutivo da dinâmica demográfica local. na medida em que pode ser considerada parte da estratégia, ou escolha, de uma parcela da população que elege este município para residir.

Neste sentido, tendo em vista este outro caráter peculiar deste município, que poderia ser considerado, spb vários aspectos, uma espécie de "município-dormitório de luxo", é que os deslocamentos pendulares ocorridos em Valinhos são analisados, e especuladas as principais motivações do fenômeno.

As peculiaridades do município de Valinhos, que, em 2000, contava com uma população de 82.973 habitantes, também se refletem no fato de este ocupar atualmente a décima posição entre as cidades mais ricas do estado São Paulo.[2] Além disso, muito provavelmente por conta deste fato, os baixos índices de violência e criminalidade do município contrastam com a grande proliferação de condomínios fechados, criados na última década. Atualmente, Valinhos explora, além do agroturismo, sua vocação para as moradias de luxo.

Como será mostrado, os dados do Censo demográfico de 2000 revelam que o movimento pendular de Valinhos corresponde a 20,7 % de sua população economicamente ativa (PEA). Se comparado com de Hortolândia, Sumaré e Santa Bárbara d'Oeste, municípios que apresentam pendularidade superior a 30%, o movimento pendular de Valinhos poderia ser considerado baixo; mesmo assim, a cidade é citada e reconhecida como cidade-dormitório por seus moradores e pelos jornais da cidade.[3] Na verdade, tal condição fica muito mais clara quando a análise do fenômeno da pendularidade enfatiza os estratos sociais que dão a "feição" do município, ou seja, sua população de alta renda.

Neste sentido, os dados aqui analisados mostram outras especificidades decorrentes do padrão de urbanização assumido como prioritário pelo município: a maior parte da pendularidade é feita pela porção mais abastada da população, fato que o diferencia das "periferias", onde, como se sabe, o

[2] Segundo o *ranking* do índice de desenvolvimento econômico equilibrado (IDEE), elaborado pelo Instituto de Estudos Metropolitanos (Ieme).
[3] Jornal *Folha de Valinhos*, de 28/5/2005, e jornal *Gazeta Metropolitana*, de 3/3/2005.

condicionante maior deste tipo de deslocamento em nada tem a ver com uma preferência, desejo, ou real escolha, já que o distanciamento cada vez maior dessa população com relação aos locais onde ela desenvolve suas atividades está muito mais relacionado a suas dificuldades de permanecer nas áreas mais valorizadas da região.

Entre outros aspectos, enfatiza-se o fato de que este grupo específico de migrantes, chefes de domicilio[4] com alta renda, não chegou ao município com finalidade de trabalho, uma vez que continua mantendo laços profissionais com a cidade de origem. Como tais moradores usam muito pouco do que a cidade oferece, acabam contribuindo apenas para gerar um fluxo de deslocamento pendular característico da cidade e produzir uma nova categoria de cidade-dormitório.

Conhecendo o município de Valinhos

A urbanização de Valinhos, ocorrida especialmente a partir das décadas de 60, 70 e 80, deu-se através da implantação de chácaras de lazer, que fixaram a imagem de uma cidade com boa qualidade de vida. Esta forma de ocupação de baixa densidade foi modificada na década de 90,[5] transformanado-se em uma ocupação mais densa, em que fazendas com atividades agrícolas e terras agricultáveis foram substituídas por condomínios fechados, a fim de atender à demanda de migrantes abastados que chegaram à região.

O setor industrial do município também apresentou modificações. Percebe-se que muitas pequenas e médias empresas saíram de Valinhos, e as grandes empresas existentes diminuíram seu quadro de funcionários, seja em função de mudança de planta para outra unidade, seja pela substituição das linhas de produtos.

Pode-se notar o aumento do número de lojas comerciais e de serviços criadas para atender a demanda dos novos moradores que chegaram à cidade na última década. O primeiro *shopping-center* do município foi inaugurado recentemente e não foi planejado para atender à alta renda. Devido à proximidade com Campinas (7 km), os novos moradores preferem continuar usando o comércio e os serviços (médicos, odontológicos, *shopping*, lazer etc.) daquela cidade, ou daquelas em que moravam anteriormente.

---

[4] Na verdade, a nomenclatura utilizada, atualmente, em particular pelo Censo 2000, substitui a palavra "chefe" por "responsável". Contudo, mesmo reconhecendo que a mudança tem profundo significado, ainda é muito comum o uso do termo "chefe", que era adotado pelos censos demográficos anteriores, razão pela qual, neste texto, as duas palavras serão usadas como sinônimos.

[5] Dados da Prefeitura Municipal de Valinhos mostram que, no período 1991-1996, foram aprovados e implantados 29 condomínios fechados horizontais residenciais. Para melhor compreensão do que este número representa, pode-se compará-lo com o de São José dos Campos, cidade do interior de São Paulo com mais de 500 mil habitantes e apenas 12 condomínios fechados, no total.

Outro fator de atração para a cidade, amplamente citado pelos moradores dos condomínios, é o tradicional colégio bilingüe Porto Seguro. Instalado anteriormente aos condomínios que o ladeiam, ele possui padrão de ensino idêntico ao da unidade de São Paulo e atende a população de alto poder aquisitivo.

Como argumenta Mattos (2000), conjuntos residenciais fortificados, *shopping- centers*, recintos para conferências etc. são "artefatos" que induzem à transformação na cidade e na vida urbana, na medida em que contribuem para valorizar e caracterizar a imagem da cidade. Neste sentido, não há dúvidas de que os condomínios fechados de Valinhos constituem-se em artefatos que contribuem para a promoção de Valinhos como área para se viver, valorizando-o de tal forma que, hoje, o preço dos imóveis na cidade são, em média, superiores aos das outras cidades da região metropolitana. A mudança ao longo do tempo é nítida, em especial ao longo dos anos 90: seus terrenos, antes atraentes pela facilidade no pagamento, valorizaram-se enormemente e agora equiparam-se ao preço de lotes equivalente em Campinas.

Os condomínios fechados tornaram-se uma opção de moradia para os mais abastados e são entendidos por Caldeira (2000) como a versão residencial de uma nova maneira de segregação socioespacial, que pode ser compreendida como a busca por melhor qualidade de vida, *status* e para evitar a violência urbana.

Para os moradores dos condomínios fechados de Valinhos que trabalham em outras cidades da RMC, ou mesmo em cidades próximas, como São Paulo ou Jundiaí, o importante é a segurança e a qualidade de vida da família, além do fato de que, nos finais de semana, podem conviver com pessoas do mesmo nível social, desfrutando a área de lazer do condomínio, que muitas vezes se equipara à de um clube.

Por outro lado, a implantação dos condomínios e loteamentos fechados representa alguns desafios para a administração pública, em particular nos eventuais conflitos que pode gerar, como, por exemplo:

- Criação de um desequilíbrio nas zonas urbanas na relação entre ocupação da população e densidade estabelecida nos planos urbanos.
- Acessos únicos aos condomínios podem gerar um tráfego mais pesado no entorno deles e contribuir para a requisição de obras futuras no sistema viário, por parte da municipalidade. As vias que são abruptamente interrompidas pelos fechamentos destes condomínios não significam apenas dificuldades para o tráfego urbano, mas bloqueiam também a integração entre grupos de pessoas e partes da cidade.
- Após o fechamento do loteamento, as áreas públicas e institucionais reservadas que se localizarem na parte interna dos muros serão de

> acesso restrito aos condôminos. A não-acessibilidade da população em geral a esta área institucional conduz a prejuízos para a administração municipal, que, para instalar os equipamentos públicos necessários para a cidade, precisará desapropriar áreas em outros locais, gerando gasto desnecessário.

Assim, esses loteamentos, muitas vezes, representam uma interrupção, não só do ponto de vista estético como também da malha viária urbana, causando transtornos em grandes áreas da cidade. Como os condomínios estão sendo criado em pontos distantes da área urbanizada, criando-se vazios urbanos e fragmentando a cidade, além de o cidadão ter de andar mais do que deveria, o investimento nas redes de serviços públicos tende a aumentar.

Além destas questões de ordem urbanística citadas, existe a questão da segregação. Em Valinhos, é comum ver condomínios de alto padrão ao lado de casas muito simples. De acordo com Luchiari,[6] a proximidade entre condomínios de luxo e favelas não melhora a infra-estrutura para os vizinhos. "A territorialidade é seletiva, ou seja, os condomínios têm sua própria infra-estrutura e serviços, disponíveis ao grupo social que pode arcar com o valor do investimento, o que reforça a segregação social."

Caldeira (2000) destaca o problema da segregação social e como estas novas formas de segregação espacial transformaram a cidade e provocaram mudanças no cotidiano de seus habitantes. Denominando estes condomínios fechados de "enclaves fortificados", a autora afirma que eles constituem o cerne de uma nova maneira de organizar a segregação, a discriminação social e a reestruturação econômica. Diferentes classes sociais vivem mais próximas umas das outras, mas são mantidas separadas por barreiras físicas e sistema de vigilância e controle.

A segregação citada por Caldeira pode ser notada nas entrevistas com moradores dos condomínios de Valinhos.[7]

> O comércio da cidade não vira. Nós vamos a um restaurante japonês e a propaganda é de boca a boca. Mas esse restaurante é pra pessoas que vêm de fora. Valinhense gosta de outro tipo de comida. Acho que o novo *shopping* será para os manezinhos da cidade (A., 44 anos, morador de condomínio).

> O *delivery* funciona pra tudo. Não precisa andar nem duas quadras. Então, é uma cidade que, pela quantidade de condomínios, eles também montaram uma estrutura de serviços pra atender essa população de condomínio; isso que eu acho interessante, eles aceitaram muito bem essa "invasão", vamos dizer, de condomínios, que são pessoas de nível mais alto; isso

[6] Disponível em http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid08.htm. Acesso em janeiro de 2005.

[7] Além da análise dos dados censitários, a dissertação de mestrado na qual este texto se baseia também foi elaborada com base em entrevistas com vários morados de condomínios fechados em Valinhos.

favorece a cidade a manter um padrão de vida legal, não são bandidos que estão invadindo, como aconteceu com Campinas (E., 53 anos, morador de condomínio).

De qualquer maneira, este parece ser o "novo padrão" de expansão urbana adotado pelo município de Valinhos, Na verdade, o fácil acesso aos grandes centros, aliado à forma de ocupação do espaço e aos baixos indicadores de violência (mortes, roubos e furtos), um dos menores da RMC,[8] acabou consolidando a característica de boa qualidade de vida de Valinhos e concentrando moradores das camadas de média e alta rendas. Além disso, a proximidade de Valinhos com grandes centros, como São Paulo e Campinas, também se constitui em um atrativo, na medida em que permite aos moradores do município uma clara separação entre conviver com problemas diários de uma cidade grande, como congestionamentos e alta criminalidade, e continuar desfrutando do mercado de trabalho diversificado e competitivo, em termos salariais, dos grandes centros.

Embora destacando-se por sua condição de cidade dos condomínios e, portanto, caracterizada, como de fato é, por uma maior concentração de população de alta renda, Valinhos apresenta uma significativa segregação socioespacial, que pode ser constatada simplesmente a partir da observação da distribuição espacial dos responsáveis pelos domicílios, segundo a renda.

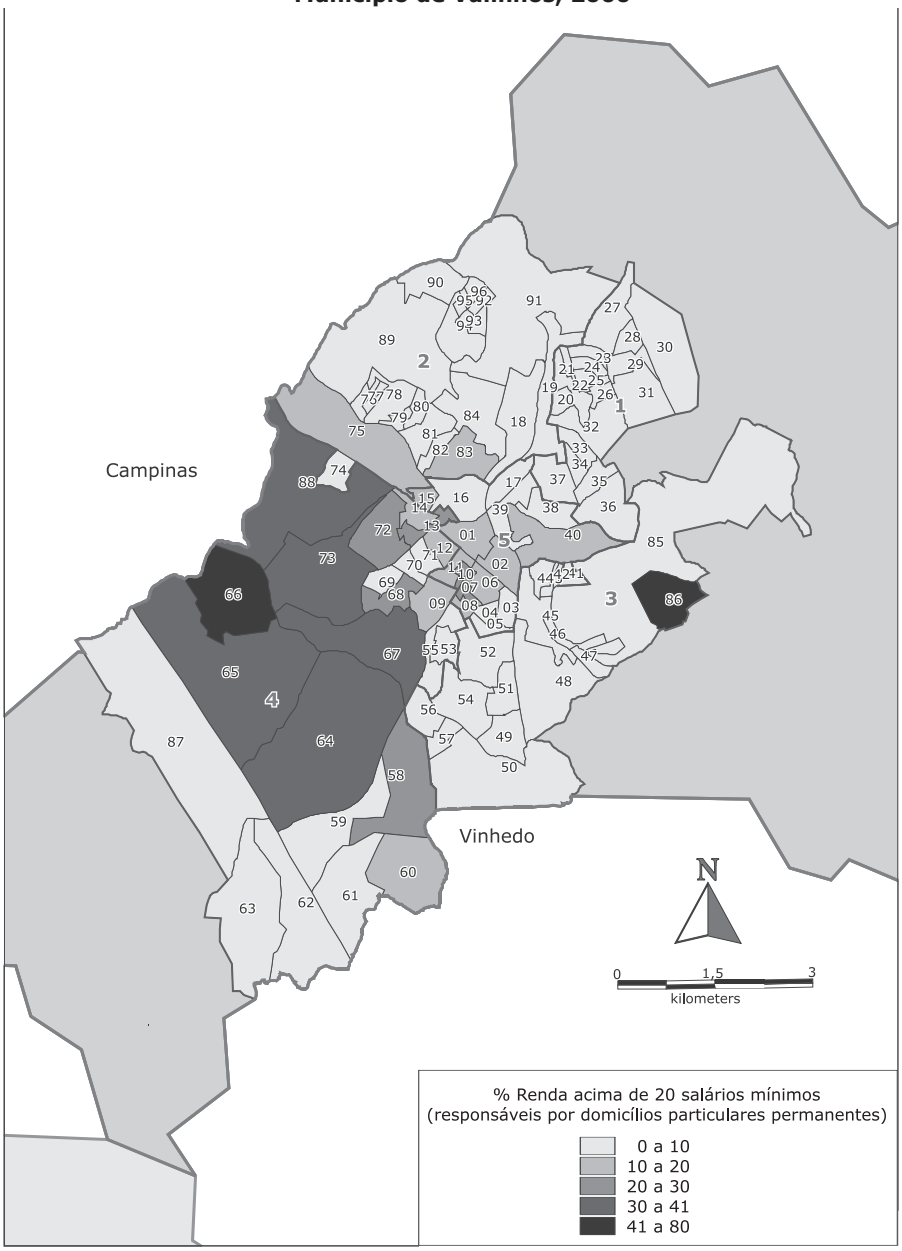
Com o auxilio do Mapa 1, é possível perceber que os setores censitários que concentram as maiores proporções de chefes com alta renda encontram-se na porção sudoeste do município (as áreas dos condomínios), correspondente à área de ponderação[9] 4, enquanto os estratos de mais pobres encontram-se mais concentrados ao norte e nordeste da cidade (APs 2 e 1). Como será visto mais adiante, não por coincidência, estas últimas áreas são as mais distantes das principais vias de acesso que ligam aos grandes centros, como Campinas e São Paulo. Na AP 3, a sudeste, apesar de predominar uma população de mais baixa renda, pode-se perceber ao menos um setor censitário que se destaca pelo alto percentual de chefes de domicilio com alta renda, fato explicado pela existência, ali, de um condomínio de alto padrão, o Moinho de Vento. Já a

[8] A taxa de mortalidade por homicídio (por 100 mil habitantes) em Valinhos foi de 4,4, em 1991, e de 4,8 em 2000. Essa taxa, em Campinas, foi de 22,2 e 50,3, respectivamente (MARTINEZ, 2002, p.459). Segundo a Secretaria de Estado da Segurança, no ano de 2004, em Campinas, foi registrado um roubo a cada 15 minutos. Apenas a título de comparação, em 1994, a menor taxa de homicídio do mundo foi a do Japão, com 0,7 (por 100 mil habitantes).

[9] Os setores censitários correspondem à menor área utilizada pelo IBGE para a coleta de informações nos censos demográficos. São, portanto, recortes apenas operacionais, formados, em média, por 300 domicílios, no caso das zonas urbanas. Já as áreas de ponderação (APs) são aglomerados de setores censitários contíguos para os quais o IBGE possibilita o uso do Boletim da amostra do Censo 2000. Neste caso, existe alguma preocupação em identificar áreas com alguma homogeneidade socioeconômica.

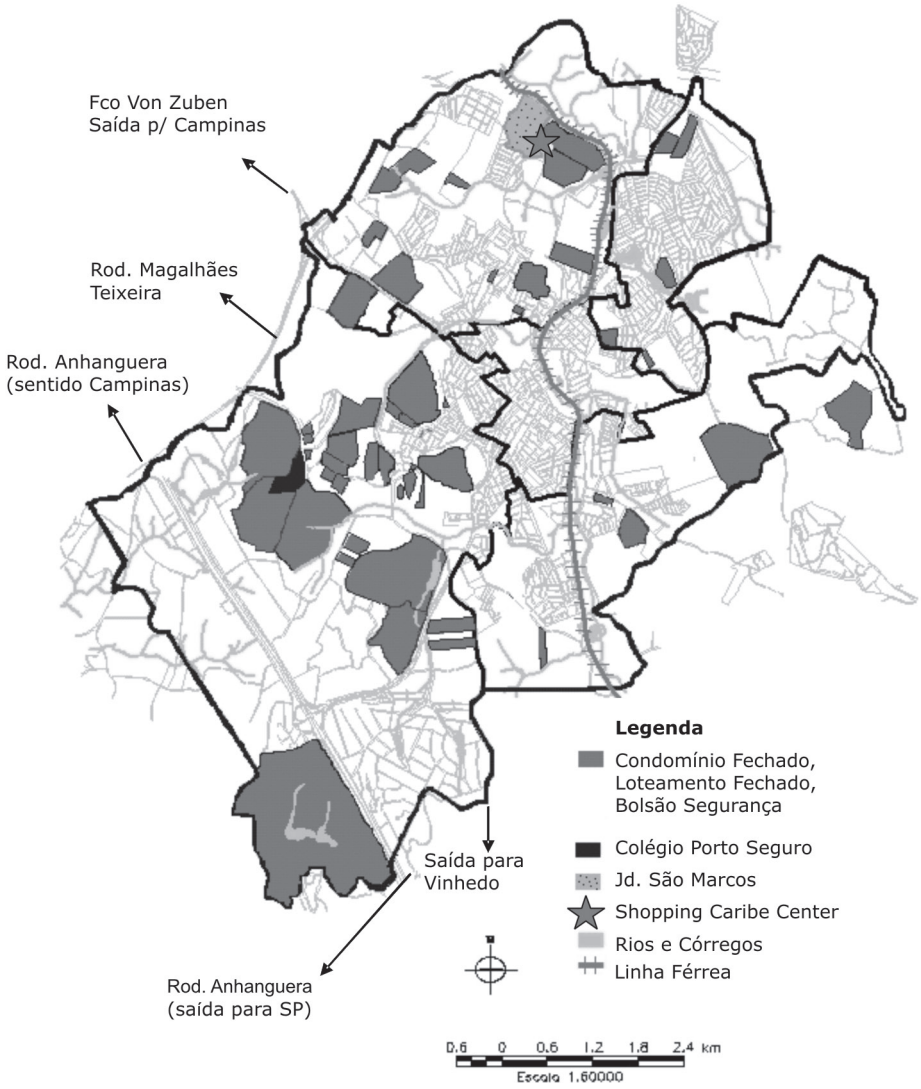
AP 5 corresponde à área central do município; portanto, é mais consolidada e com uma maior heterogeneidade social.

Mapa 1
Responsáveis por domicílios com renda mensal acima de 20 salários mínimos
Município de Valinhos, 2000



Fonte: Censo Demográfico 2000 (IBGE). Projeção Cartográfica: UTM.

Mapa 2
Localização dos condomínios, loteamentos e principais pontos de referência do município de Valinhos, segundo dados da Prefeitura Municipal de Valinhos, 2002



Frise-se que, embora existam alguns condomínios na AP 2, estes possuem um padrão inferior aos observados na AP 4. Na verdade, como mostra o Mapa 1, esta região é ainda predominantemente constituída por bairros populares, que cercam estes condomínios. Um bom exemplo desta situação de "mescla social" é o Jardim São Marcos, um loteamento popular com alta

densidade populacional, situado próximo a dois condomínios e ao *shopping-center*. Nesta área, devido à proximidade com a zona rural do município, ainda se encontra grande número chefes de domicilio com ocupação nos trabalhos agrícolas. No entanto, percebe-se que a zona pode se tornar, em caso de continuidade do padrão municipal de ocupação, uma nova área para onde poderão se expandir os condomínios.

Por fim, o Mapa 2 permite que se tenha uma boa noção das características de ocupação do espaço compreendido pelo município de Valinhos. Destacam-se, nele, as "localizações" da riqueza, como os condomínios residenciais, loteamentos fechados e bolsões de segurança,[10] mais concentradas nas áreas próximas às vias de rápida comunicação com os maiores centros (Campinas e São Paulo).

Crescimento demográfico e migração: o impacto quantitativo e qualitativo dos deslocamentos populacionais na cidade

Desde os anos 60, a população de Valinhos apresentou um crescimento demográfico muito rápido, pelo menos até o anos 80, sendo que seu auge, em termos de intensidade, foi observado nos anos 60 e 70, quando a população cresceu a mais de 4% a.a. No entanto, não se pode deixar de considerar que, nestes momentos, estas alta taxas eram também justificadas pelos reduzido contingente populacional apresentado pela cidade (Tabela 1).

Nos anos 80 e, principalmente 90, a população valinhense cresceu em um ritmo bem menor, muito embora, como se verá, isso aparentemente contraste com a sua consolidação como espaço de expansão de áreas metropolitanas, particularmente para a população de mais alta renda.

Tabela 1
População residente e taxa média de crescimento anual
Município de Valinhos, 1960-2000

Anos censitários	População residente	Taxa de crescimento médio anual
1960	18253	5,35
1970	30726	4,76
1980	48900	3,02
1991	67845	2,26
2000	82932	

Fonte: FIBGE, Censos demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

[10] *Condomínio fechado*: é respaldado pela Lei Federal nº 4.591/64 e caracteriza-se por seus moradores serem proprietários, além de sua residência, também de uma fração ideal, no que se refere às outras áreas comuns da gleba. *Loteamento*: a Lei Federal nº 6.766/79 estabelece que sua área de circulação, espaços comunitários e livres são proporcionais a área da gleba e podem ser usado por qualquer individuo e sem restrição. Alguns condomínios de Valinhos foram, inicialmente, constituídos como loteamentos e, depois, transformados em condomínios fechados. *Loteamento fechado*: é uma figura híbrida entre loteamento e condomínio que não existe em termos de legislação federal. *Bolsão de segurança*: é regido por lei estadual que permite a colocação de floreiras de concreto, cercas ou muros, bloqueando o leito carroçável.

É interessante notar que, neste processo, a migração sempre desempenhou importante papel como componente do crescimento demográfico do município, como confirma a Tabela 2. Verifica-se que, com exceção do período 1980-1991, esta variável respondeu, ao longo de todo período, por mais da metade do crescimento populacional total de Valinhos. A mesma tabela mostra que isso se deu nos anos 70, quando o município apresentou os maiores ganhos populacionais, que, embora tenham-se reduzido, permaneceram em um patamar constante e significativo nas décadas seguintes.

Vale notar ainda que, mesmo no anos 90, quando a taxa de crescimento municipal já era bem reduzida – muito embora acima dos níveis do estado e da sede regional –, a migração continuou com peso relativo significativo. De certa forma, isso sugere que, por se tratar de uma população com uma sobre-representação de população de alta renda, seu crescimento vegetativo seria bem menor, fato que ajudaria a explicar o fato observado.

Tabela 2
Evolução dos componentes do crescimento populacional
Município de Valinhos, 1960-2000

Períodos	Crescimento absoluto			Peso relativo no crescimento	
	Total	Vegetativo	Migratório	Vegetativo	Migratório
1960/70	12.473	5.615	6.858	45,02	54,98
1970/80	18.174	6.298	11.849	34,65	65,2
1980/91	18.945	10.147	8.811	53,56	46,51
1991/00	15.087	7.032	8.055	46,61	53,39

Fonte: Fundação Seade, apud Baeninger, R.; Maia, P.B. (1992), para 1960/70 e 70/80, Nepo/Nesur (2004), para 1980/91 e 91/00.

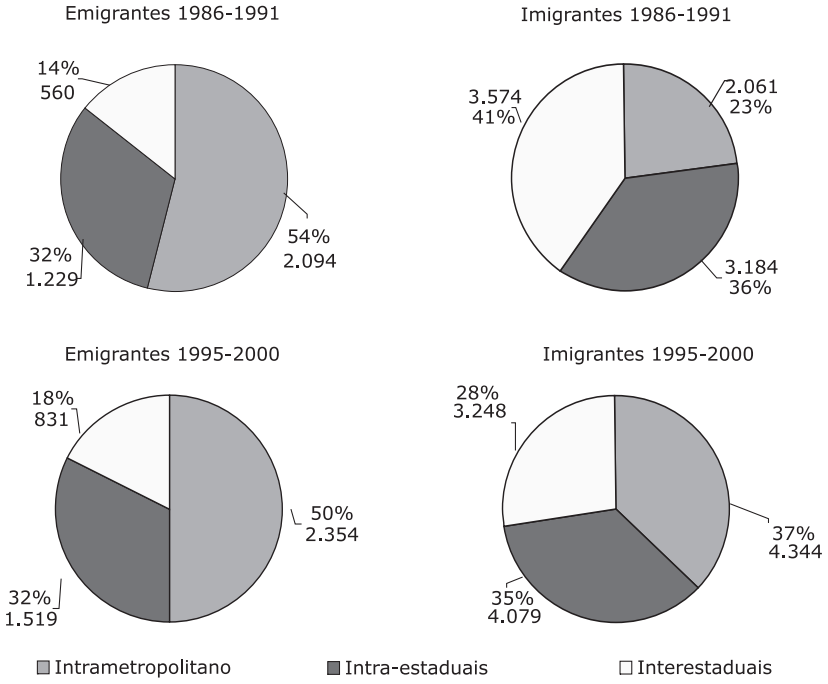
Embora os dados do Censo cemográfico de 1991 e 2000, específicos sobre migração, confirmem a importância desta variável, apontada pelas estimativas indiretas apresentadas na Tabela 2,[11] eles possibilitam que se vá mais além, ao sugerirem que, ao final da década de 90, o município parece ter registrado um aumento da intensidade dos fluxos migratórios recebidos. De fato, como se percebe, não somente os volumes, mas também as taxas de imigração e migração líquida, cresceram nos anos 90, se comparadas com o registrado no último qüinqüênio dos anos 80.

[11] Vale destacar que os saldos migratórios apresentados nesta tabela são obtidos de maneira indireta a partir da utilização dos dados das estatísticas vitais que, como se sabe, fornecem estimativas do crescimento vegetativo. Tendo em vista que o crescimento total é resultado do crescimento vegetativo mais (ou menos) o crescimento migratório, tendo o primeiro, obtém-se o segundo por diferença. Teoricamente, os volumes de imigração menos o de emigração, obtidos diretamente do censo demográfico, relativos à informação sobre residência cinco anos antes, deveriam fornecer estimativa comparável ao saldo calculado indiretamente, com apenas duas restrições: este último não considera as crianças menores de 5 anos (porque não eram nascidas no momento de referência da pergunta) e o período a que se refere é diferente, ou seja, diz respeito a cinco anos, enquanto o primeiro refere-se a dez anos.

Assim sendo, este dados mostram que a redução da taxa de crescimento demográfico de Valinhos, nos anos 90, parece refletir muito mais o comportamento do crescimento vegetativo (aliás, sugerido na Tabela 2) do que o migratório que, ao que tudo indica, incrementou sua intensidade. Como já se comentou, este fato não é de todo surpreendente, sobretudo tendo em vista o padrão de ocupação do município, especialmente a partir dos anos 90.

Outro aspecto que merece atenção, pois possibilita entender melhor como vai se posicionando Valinhos no cenário regional, diz respeito à analise da migração segundo a origem dos movimentos. Ao observar-se a migração segundo este aspectos, é possível não apenas desvendar a natureza dos ganhos populacionais experimentados pelo município como também perceber como a predominância de uma determinada modalidade sobre outras acaba por refletir distintos momentos pelos quais passou esta área.

Gráfico 1
Composição da imigração e emigração, segundo modalidades
Município de Valinhos
1986-1991 e 1995-2000



Fonte: IBGE, Censos demográficos 1991 e 2000.

O Gráfico 1 permite visualizar como evoluiu nas décadas de 80 e 90 a migração em Valinhos, segundo as modalidades interestaduais, intra-estaduais e intrametropolitanas. O primeiro aspecto a ser destacado diz respeito ao importante aumento da imigração de origem intrametropolitana, nos anos 90,

que passa a representar 37% do total dos movimentos recebidos por Valinhos, contra 23% do qüinqüênio 1986-1991. Este ganho ocorre em detrimento dos movimentos interestaduais, que perderam intensidades durante a década de 90, comportamento que reflete não apenas sua inserção no processo de metropolização, mas também sua nova feição, como área de destino para a população de mais alta renda, que busca novos lugares, ao mesmo tempo próximos dos maiores centros e suficientemente longe destes, para usufruir de uma melhor qualidade de vida.

Uma mostra inconteste do anterior é o fato de que boa parte da imigração intrametropolitana recebida pelo município tenha sido originada na sede regional, ou seja, na cidade de Campinas, que respondeu, nos dois períodos respectivamente, por 54% para 66% de todos os movimentos cujas origens situavam-se na RMC.

Já no caso da emigração, esta não sofreu grandes alterações. Na verdade, percebe-se apenas um pequeno aumento no volume de saída que, levando-se em conta o incremento populacional do período, implicou uma redução da intensidade nas perdas por parte de Valinhos (Tabela 3).

Tabela 3
Volume e taxas médias anuais de imigração, emigração e migração líquida
Município de Valinhos, 1986/1991 e 1995/2000

Período	Volumes			Taxa média anual (%)		
	Imigração	Emigração	Migração líquida	Imigração	Emigração	Migração líquida
1986/91	8819	3883	4936	2,60	1,14	1,46
1995/00	11671	3704	7967	2,81	0,89	1,92

Fonte: FIBGE, Censos demográficos de 1991 e 2000. Tabulação especial.

Em resumo, seguindo a tendência do ocorrido com o estado de São Paulo (BAENINGER,1992; CUNHA, 2005) e também na RMC[12] pode-se concluir que movimentos interestaduais foram perdendo em favor dos movimentos intrametropolitanos, sendo que os intra-estudais mantiveram seu peso praticamente inalterado, fato que espelha, em grande medida, o peso da migração da Região Metropolitana de São Paulo, em especial de sua sede, para o município.

Também é importante salientar que, embora o volume das trocas migratórias intrametropolitanas tenha sido praticamente nulo no qüinqüênio 1986-1991, no qüinqüênio 1995-2000 Valinhos, entre seus ganhos e perdas para outros municípios da região, registrou ganho líquido de mais de 2 mil pessoas. Neste segundo qüinqüênio analisado, também ocorreu um ganho de mais de 2 mil pessoas nas trocas interestaduais e mais de 2,5 mil pessoas na intra-estadual.

[12] Ver capitulo 12 deste livro.

O significativo impacto da migração expressa, no anos 90, as alterações no padrão de ocupação que vêm ocorrendo em Valinhos, processo este que tem como um de seus resultado a progressiva alteração do perfil da população, em função da existência de uma migração seletiva para o município, com maior predominância de pessoas de alta renda e maior número de anos de estudo. Esta tendência reflete-se, por exemplo, no fato de que, segundo o Censo demográfico de 2000, a renda média *per capita* de Valinhos ter sido uma das mais altas da RMC (R$ 569,31), ficando atrás somente de Vinhedo (R$ 627,47) e Campinas (R$ 614,86).

O peso relativo da população de mais altos rendimentos no município fica bem visível a partir da Tabela 4. Como se observa dos números apresentados, a participação relativa dos chefes de domicílios com altos rendimentos é bem significativa, levando-se em conta que 10% dos naturais e 16% dos migrantes encontravam-se nesta condição.

Tabela 4
Responsáveis pelo domicílio (naturais, migrantes e total), por faixas de renda, segundo APs
Município de Valinhos
1995-2000

Faixas de renda **Naturais**	Área de ponderação					Total
	1	2	3	4	5	
0 a 2 sal. mínimos	7,2	23,1	22,2	13,2	13,0	15,4
> 2 a 5 sal. mínimos	25,5	34,4	41,9	19,6	22,4	28,0
> 5 a 10 sal. mínimos	41,3	29,3	17,8	33,1	32,8	31,1
> 10 a 20 sal. mínimos	17,1	10,3	12,9	18,5	17,3	15,5
> 20 sal. mínimos	9,0	2,9	5,3	15,6	14,6	10,0

Faixas de renda **Migrantes**	Área de ponderação					Total
	1	2	3	4	5	
0 a 2 sal. mínimos	18,1	8,0	24,5	18,1	13,0	16,9
> 2 a 5 sal. mínimos	42,2	47,2	37,9	28,5	13,9	33,2
> 5 a 10 sal. mínimos	22,3	20,8	17,1	11,1	35,7	19,8
> 10 a 20 sal. mínimos	8,8	13,8	14,8	12,9	19,0	14,0
> 20 sal. mínimos	8,4	10,1	5,4	29,2	18,4	16,0

Faixas de renda **Total de chefes**	Área de ponderação					Total
	1	2	3	4	5	
0 a 2 sal. mínimos	3,3	5,2	4,7	4,5	3,0	20,7
> 2 a 5 sal. mínimos	7,0	8,4	6,8	5,9	5,1	33,2
> 5 a 10 sal. mínimos	6,9	5,0	4,2	4,8	5,7	26,6
> 10 a 20 sal. mínimos	2,3	1,5	1,4	3,5	3,2	11,8
> 20 sal. mínimos	0,5	0,7	0,7	3,9	1,8	7,7

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2000 (tabulações especiais).

Claro que, como não poderia deixar de ser, a renda média mensal apresenta grandes variações, quando analisada em nível intramuncipal. De fato, na mesma Tabela 4 observa-se que as maiores rendas concentram-se em setores bem delimitados da cidade, em especial na área de ponderação 4 (AP4) (ver Mapa 1), local onde se localizam os condomínios de luxo. Destaca-se ainda que, para esta área, que representa não apenas uma das localizações mais caras do município, mas a de ocupação mais recente, o percentual de responsáveis migrantes na categoria de mais de 20 SM é bem mais elevado que aquele observado para a mesma área para os nativos.[13] No outro extremo, percebe-se um percentual significativo de população pobre (nativos e migrantes) nas AP 3, AP 2 e, paradoxalmente, na AP 4, mostrando que o município possui áreas claramente de baixa renda, mas, ao mesmo tempo, ainda apresenta um tecido urbano bem heterogêneo, já que justamente nas áreas de maior concentração de riqueza também podem ser encontrados grande percentuais de domicílios pobres. No entanto, pode-se pensar que tal situação refletiria mais um estado de transição, já que o processo de elitização destas áreas começa com mais força nos anos 90, do que um quadro que deva prevalecer ao longo do tempo.

O caráter seletivo da migração que se dirige para Valinhos e, de certa forma, ajuda a entender os dados analisados anteriormente, pode ser constatado na Tabela 5, que mostra a distribuição dos responsáveis por domicílios segundo sua condição migratória e ocupação. Assim, verifica-se, por exemplo, que, entre os 3.883 chefes de domicílio vindos de outros municípios no último qüinqüênio, 11,3% eram gerentes/dirigentes de empresas, ou seja, faziam parte de um movimento de migração de mais alta renda. Além disso, dados não apresentados dão conta de que, aproximadamente, metade desses migrantes com ocupação de gerência foi morar na AP 4, que, além de sua característica de área nobre da cidade, conta, como já salientado, com outra "externalidade", qual seja, a proximidade com a Rodovia Anhanguera, o que permite rápido fluxo para São Paulo, Campinas, Jundiaí e demais cidades da RMC.

Claro que outras ocupações, em particular aquelas ligadas à construção civil e serviços domésticos, também se destacam entre os migrantes, o que traduz a demanda em termos de mão-de-obra, certamente gerada pelo crescente número de bairros de alto padrão.

Pode-se concluir, portanto, que o papel da migração, em Valinhos, não teve impacto apenas no seu crescimento demográfico, mas também no perfil socioocupacional de sua população, ao incrementar a participação daquela de alta qualificação e alta renda. Neste particular, o peso da imigração intra-

[13] O termo "nativo" é usado aqui para designar os moradores que nasceram em Valinhos; "migrantes" referem-se aos migrantes que chegaram ao município a partir de 1995 (data fixa).

metropolitana, principalmente originada em Campinas e Vinhedo, mostra-se importante para se entender a dinâmica demográfica municipal.

Tabela 5
Ocupação dos responsáveis pelo domicílio, por categoria de ocupações, segundo condição de naturalidade do município
Município de Valinhos
1995-2000

Ocupação dos responsáveis pelo domicílio	Naturais	Migrantes
Diretores, gerentes e dirigentes	10,3	11,3
Pedreiros e trabalhadores da construção civil	4,9	9,3
Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	2,1	5,5
Produtores e trabalhadores agrícolas	3,5	5,4
Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	3,0	3,5
Guardas de segurança e vigilantes	1,9	2,8
Motoristas de carro, caminhão e ônibus	5,7	2,8
Mecânico/eletricista de autos	1,8	1,2
Engenheiros	0,9	2,2
Outras ocupações	42,0	40,8
Sem informação ou mal especificada	23,9	15,2
Total	5641	3883

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2000. Tabulações especiais.

O deslocamento pendular em Valinhos

Os deslocamentos pendulares, considerados, aqui, os movimentos diários ou rotineiros realizados pelas pessoas para desenvolverem suas atividades em cidades distintas daquelas onde residem, refletem, por um lado, certa incongruência entre os espaços de moradia e os de concentração das atividades econômicas e, por outro lado, o grau de integração ou a permeabilidade espacial existentes em uma determinada região.

Um dos traços peculiares da dinâmica demográfica das grandes aglomerações urbanas, em particular nas regiões metropolitanas (CUNHA, 1994; ANTICO, 2003), a pendularidade pode revelar, ademais, distintos processos que levam a sua intensificação. Se é bem verdade que boa parte das pessoas que fazem este tipo de movimento são de baixa renda (ANTICO, 2003), em função das dificuldades que encontram em morar próximo a seus locais de trabalho, não é menos correto afirmar que o movimento pendular pode também derivar-se de escolhas pessoais (ou familiares) que privilegiem a qualidade de vida em detrimento de um tempo menor de deslocamento.

Na RMC, pode-se constatar a existência destas duas situações, sendo que Valinhos seria um dos municípios metropolitanos (além de Vinhedo) que melhor se encaixaria no segundo caso. Como mostra a Tabela 6, em 2000,

da mesma forma que municípios-dormitórios, com grande concentração de população de baixa renda, como Hortolândia, ou Sumaré, apresentavam alta incidência deste tipo de movimento, também Valinhos, embora em patamar menor, destacava-se na região, sobretudo se comparado a outras áreas onde a incidência do fenômeno foi bem menor, como, por exemplo, em Campinas ou Itatiba.

Tabela 6
Percentual da PEA que realiza o movimento pendular
Região Metropolitana de Campinas, municípios selecionados
1980 e 2000

Município	1980	2000
Americana	9,5	11,9
Campinas	6,5	6,0
Hortolândia	-----	49,2
Indaiatuba	11,5	8,5
Itatiba	5,0	6,1
Jaguariúna	10,5	10,7
Monte Mor	20,9	23,8
Paulínia	8,5	11,4
Santa Bárbara d'Oeste	34,2	30,4
Sumaré	36,6	39,2
Valinhos	**13,7**	**20,7**
Vinhedo	9,7	15,5

Fonte: IBGE, Censos demográficos de1980 e 2000. Tabulações especiais.

No entanto, percebe-se que a relevância deste tipo de movimento, para Valinhos, parece ser um fato relativamente recente, uma vez que a mesma Tabela 6 mostra que, em 1980, o movimento pendular da PEA ali residente era pouco expressivo, pois apenas 13,7% dela trabalhavam/estudavam em outro município. Como era de se esperar, em função do apogeu do crescimento metropolitano, ocorreu um aumento da pendularidade em praticamente todos os municípios da RMC, e Valinhos não foi exceção.

A PEA de Valinhos era composta, em 2000, de mais de 38 mil pessoas, sendo que um percentual considerável, 20,6%, o correspondente a cerca de 7,8 mil pessoas, trabalhavam em outro município. Destes, aproximadamente 45% realizavam suas atividades em Campinas, 30% em Vinhedo, 10% em São Paulo, e os demais, em outros locais, incluindo outros municípios da RMC. Estas cifras dão conta, portanto, de que mais de 80% da pendularidade registrados em Valinhos tinha por destino a própria região, mostrando sua inserção na dinâmica metropolitana, a despeito do senso comum que costuma sobreestimar o peso dos deslocamentos para São Paulo, ofuscando, portanto, o fato de que boa parte das pessoas que deixa a Região Metropolitana de São Paulo, na verdade o faz também em função de oportunidades econômicas.

De qualquer maneira, não se deve deixar de considerar que o fato de a participação no movimento pendular da população valinhense em direção a São Paulo ter aumentando de 0,9%, em 1980, para 2%, em 2000, retrata, de alguma maneira, novas opções de arranjos residência/trabalho, que tendem a se incrementar na medida em que as facilidades de comunicação aumentem, ou que as condições de vida na "grande metrópole" deteriorem-se ainda mais.

O caso de Valinhos mostra, portanto, que o movimento pendular deixou de ser uma alternativa somente para os que não têm condição financeira para morar perto do trabalho. Dados os imensos avanços em termos das comunicações e acessibilidade, as distâncias entre as cidades já não impedem que uma pessoa viva em um município e trabalhe em outro, e cada vez mais pessoas optam por viver longe da agitação e barulho dos centros urbanos.

Embora a pendularidade da cidade de Valinhos como um todo seja baixa, existem certas localizações, no município, nas quais este índice é alto, tendo em vista as particularidades destas zonas caracterizadas pela alta representatividade de pessoas de renda alta e média-alta, em geral, aquelas moradoras dos condomínios. Desta forma, pode-se afirmar que Valinhos é uma "cidade-dormitório" diferenciada das demais citadas da RMC, uma vez que abriga um grupo social muito seleto e em condições habitacionais muito acima da média regional.

Uma forma de melhor entender as características específicas do município e, particularmente, de sua mobilidade pendular, seria comparar a escolaridade e renda dos responsáveis por domicílios residentes no município, que realizam o movimento pendular, com a média dos responsáveis classificados segundo sua condição migratória.

As diferenças entre os aqueles que realizam o movimento pendular é evidente e gritante: uma escolaridade média de onze anos, contra 7,7 de naturais e 8,1 de migrantes, ou seja, para os primeiros chefes, este indicador é aproximadamente 40% maior, em relação aos naturais, e 35% comparativamente aos migrantes. Chama a atenção o fato de, também, os migrantes apresentarem uma escolaridade maior que os naturais, fato que, tendo em vista que se trata apenas da migração mais recente (1995-2000), mostra uma vez mais o caráter seletivo dos que chegam ao município.

Da mesma forma, a renda média dos chefes que trabalham em outros municípios apresenta-se bem superior aos demais, sendo 75% maior que a dos migrantes e 130% maior que a dos naturais, o que permite concluir que, evidentemente, a pendularidade gerada em Valinhos diz respeito em grande parte a um estrato socioocupacional bem diferenciado.

Vale notar, por último, que este diferenciais são muito mais acentuados para aquelas APs que concentram a riqueza no município, especialmente a AP 4.

Tabela 7
Escolaridade e renda média dos responsáveis pelo domicílio, por condição migratória (naturais e migrantes), segundo APs
Município de Valinhos, 2000

APs	Anos médios de estudo			Renda média mensal (R$)		
	Naturais	Migrantes	Deslocamento pendular	Naturais	Migrantes	Deslocamento pendular
1	7,7	7,8	10,3	1.470	1.416	1.748
2	7,3	7,5	10,3	985	1.234	1.945
3	6,6	7,1	9,1	1.192	1.253	1.361
4	8,7	9,3	12,7	1.762	2.327	4.033
5	8,3	8,9	12,4	1.871	2.013	2.346
Total	7,7	8,1	11,0	1.456	1.648	2.287

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2000. Tabulações especiais.

Como se nota na Tabela 8, a elevada renda média mensal na AP 4 deve-se, em boa medida, ao tipo de inserção no mercado de trabalho apresentado pelos residentes em Valinhos. Percebe-se, por exemplo, que, nesta zona, mais de 28% dos chefes de domicílio eram gerentes ou diretores de onde trabalhavam; também se observa que as profissões liberais, especificadas na tabela, somavam quase 15 % nesta mesma áreas.

Na verdade, estes dados, além de revelar a maior concentração de ocupações teoricamente mais bem remuneradas em determinadas zonas da cidade, mostra também que, praticamente, em todas as APs a categoria gerentes ou diretores apresentavam um peso relativo significativo com exceção da AP 2 que, como já se mostrou, é uma das regiões onde vive a população de baixa renda, ainda que, visivelmente, encontre-se em processo de mudança.

Tabela 8
Percentual de algumas ocupações dos chefes de domicílio que trabalhavam em outro município, por APs
Município de Valinhos, 2000

Ocupação	Área de ponderação				
	1	2	3	4	5
Gerente/diretor	14,4	6,9	12	28,4	24
Engenheiros	1,6	1	1,2	7,1	2,8
Advogados/delegados	1,6	5,2	1,2	4,8	0
Médicos/dentistas	0	3,3	0	1,6	1,3

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2000. Tabulações especiais.

Alguns autores, ao associarem a condição migratória com o fenômeno da pendularidade, têm sustentado que este tipo de mobilidade constitui, freqüentemente, uma contrapartida da migração, em particular a intrametropolitana (CUNHA, 1994; BAENINGER, 2002), na medida em que a necessidade, ou decisão, de viver em áreas distantes dos núcleos regionais e, portanto, com maior mercado de trabalho, levam obrigatoriamente à intensificação dos movimentos migratórios. Na verdade, em uma análise para a RM de São Paulo, pôde-se mostrar que, de fato, um percentual significativo dos migrantes

intrametropolitanos desenvolvia suas atividades nos municípios de origem, sendo que, no caso de alguns municípios periféricos, esta cifra podia atingir cerca de 70% (CUNHA, 1994).

A situação representada por Valinhos sugere esta mesma relação, especialmente quando se observa o comportamento dos migrantes de alta renda. Atualmente, muitos moradores, entre esses migrantes, provenientes de Campinas e São Paulo, continuam trabalhando nestas cidades, ou seja, trata-se de mão-de-obra especializada que decidiu morar em Valinhos sem perder os vínculos com a cidade de origem. Como já se mostrou, cerca de 20% da PEA valinhense faziam deslocamento pendular em 2000; no entanto, este percentual passa para quase 36%, quando se consideram apenas os migrantes recentes (1995-2000).

Como se percebe, a pendularidade do município está fortemente ligada à migração de alta renda vinda de grandes centros e da Região Metropolitana. A relação desse grupo específico com o município de Valinhos é de pessoas que saíram como migrantes e voltam como pendular. Deste modo, a mobilidade pendular de Valinhos é a contrapartida da mobilidade residencial, e é este grupo específico de pessoas que geram o fluxo de pendularidade característico da cidade. Os dados da pendularidade do Censo demográfico 2000, por área de ponderação, confirmam que este fenômeno é maior na AP 4 e AP 5, a primeira, região dos condomínios, e a segunda, correspondente à área central e, portanto, mais consolidada da cidade (Tabela 9).

Tabela 9
Volume e percentual dos que realizam movimento pendular, segundo APs
Município de Valinhos, 2000

Volume	Área de ponderação				
	1	2	3	4	5
População em idade ativa	7.931	7.902	9.694	9.598	6.622
Pessoas que realizam desloc. pendular	1.372	1.178	1.789	2.561	1.739
Percentual de movimentos pendulares	17,3	14,9	18,6	26,7	26,3

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2000. Tabulações especiais.

Por último, vale a pena registrar as principais cidades envolvidas nos deslocamentos pendulares de Valinhos. Levando-se em consideração a população em idade ativa (PIA), constata-se que apenas três cidades recebiam, em 2000, 83,6% do movimento pendular originado em Valinhos, sendo Campinas responsável por 45%, Vinhedo, por 29%, e São Paulo, 9 por cento.

Desta forma, fica configurado que, ao menos no que diz respeito ao padrão mais recente de ocupação de Valinhos, boa parte da população que aí chega tem como forte motivação a busca por uma melhor qualidade de vida, fato que faz com que a mobilidade pendular intensifique-se, envolvendo predominantemente esta população de mais alta renda.

Considerações finais

Neste trabalho**,** procurou-se mostrar que a migração seletiva para Valinhos foi responsável pelo aumento do deslocamento pendular e que estes novos moradores estão contribuindo para a produção de uma nova categoria de cidade**-**dormitório.

Em Valinhos, o grande número de chácaras disponíveis, as facilidades de comércio, serviços e trabalhos decorrentes da proximidade com a cidade de Campinas, aliados à tranqüilidade do município e ao fato de este possuir uma escola tradicional, levou os empreendedores a, rapidamente, transformarem antigas áreas em condomínios com boa aceitação pela população.

Desta forma, ao longo do tempo, Valinhos passou a caracterizar-se como uma cidade de condomínios de luxo, com moradores de alta renda. Estas áreas foram ocupadas por pessoas com melhor qualificação e maior renda, vindas da RMC e de cidades próximas. A migração seletiva também foi responsável, de algum modo, pela migração de pessoas de baixa renda, uma vez que os seus condicionantes – a busca pelos enclaves urbanos – também tiveram impacto na abertura de frentes de trabalho na construção civil e nos serviços domésticos.

Na medida em que os "novos migrantes" de Valinhos, residentes anteriormente na RMC, em particular em Campinas, ou mesmo em São Paulo, mudaram-se para o município, claramente visando uma melhor qualidade de vida para a família, um corolário quase imediato foi a intensificação dos movimentos pendulares de um considerável volume de pessoas. Assim, pode-se afirmar que, em Valinhos, a mobilidade pendular é, para muitos dos moradores dos condomínios fechados, uma alternativa de conciliar qualidade de vida e acesso a certos mercados de trabalho.

O caso de Valinhos mostra claramente que, com a emergência do fenômeno dos condomínios fechados e a contra-urbanização ou urbanização estendida,[14] deixa de existir, no país, como nos anos 70, uma relação mais direta entre pendularidade e pobreza. A produção do espaço de Valinhos ocorre de forma diferenciada daquela das outras cidades da RMC, em que a pendularidade é alta para os pobres. O grupo específico de pessoas de renda média e alta, vindas de cidades próximas para morar em Valinhos, gera um fluxo de pendularidade tal que se poderia caracterizar o município, em vários sentidos, como uma verdadeira cidade-dormitório.

De fato, embora os dados do Censo demográfico 2000 indiquem um moderado grau de pendularidade para toda a cidade de Valinhos, fica claro que, em algumas áreas do município, esta intensidade é bem mais elevada,

[14] Pode-se chamar "contra-urbanização" a um êxodo, em grande escala, de pessoas com melhores condições financeiras, da cidade para povoados menores e regiões rurais.

como é o caso da região onde se encontram os condomínios fechados implantados ao longo da década de 90; ali encontra-se também a população de mais alto poder aquisitivo.

Muito embora seja impossível negar a importância que este padrão de ocupação teve sobre todos os indicadores de qualidade de vida no município, vale a pena, ao menos, levantar alguns alertas sobre os impactos deste processo sobre a cidade e sua população, em particular a de mais baixa renda, e sobre sua sustentabilidade em longo prazo.

De fato, o estudo mais detalhado no qual este texto foi baseado (MIGLIORANZA, 2005) alerta para os problemas de infra-estrutura que o município já vem enfrentando, como o relativo ao abastecimento de água. Também se poderiam mencionar as dificuldades que têm sido encontradas para as instalações de plantas industriais, haja vista o alto custo das terras, o que implica em restrições para arrecadação, além da progressiva redução das áreas agricultu ráveis. Finalmente, e não menos importantes, as questões que emergem da relação existente entre o público e o privado, num contexto no qual a "cidade dos muros" vem sendo configurada essencialmente com as boas - segurança, qualidade de vida etc. – e nem tão boas conseqüências – isolamento e distância social (CALDEIRA, 2000; KAZTMAN, 2001), segregação espacial, apropriação do público pelo privado etc.

Referências bibliográficas

ANTICO, C. **Onde morar e onde trabalhar:** espaço e deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de São Paulo. Campinas, 2003. 248f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

BAENINGER, R. A população em movimento. In: FONSECA, R. B.; DAVANZO, A. M. Q.; NEGREIROS, R. M. C. (Org). **Livro verde:** desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas. Campinas: Nesur-IE/Unicamp, 2002.

_____; MAIA, P. B. Migração em São Paulo: Região de Governo de Campinas. **Textos Nepo 22,** Campinas, Nepo/Unicamp, 1992.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000.

CUNHA, J. M. P. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para a análise. **Revista São Paulo em Perspectiva,** São Paulo, Fundação SEADE, v.19, n.4, out./dez.2005. Prelo.

_____. **Mobilidade populacional e expansão urbana:** o caso da Região Metropolitana de São Paulo. Campinas, 1994. 283f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

IBGE. **Censo Demográfico 1990 e 2000.** Rio de Janeiro.

KAZTMAN, R. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. **Revista de la CEPAL,** Santiago do Chile, n.75, p.171-189, dec.2001.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo, ilegalidade, desigualdade e violência.** São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINEZ, J. W. O Município de Valinhos. In: CANO, W.; BRANDÃO, C. A. (Coord.). **A Região Metropolitana de Campinas:** urbanização, economia, finanças e meio ambiente. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

MATTOS, C. A. Globalização e metropolização: Santiago, uma história de mudanças e continuidades. In: RIBEIRO, L. C. Q. (Org.). **O futuro das Metrópoles:** desigualdades e governabilidade. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

MIGLIORANZA, E. **Condomínios fechados:** localizações de pendularidade: um estudo de caso no Município de Valinhos, SP. Campinas, 2005. 107f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

VALINHOS. Prefeitura Municipal de Valinhos. **Plano diretor de Valinhos**. Valinhos, 2004.